

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pós-Humanismo e História : os desafios e possibilidades de uma história mais que humana

Bruna Carolina Marino Rodrigues

Resumo: Este trabalho é um estudo preliminar que visa explorar as potencialidades do pós-humanismo para a escrita e o ensino de história engajados com o futuro e com as questões éticas e políticas do tempo presente (DOMANSKA, 2010, 2013; TAM; SIMON, 2019; AVILA; NICOLAZZI; TURIN, 2019; 2021). Neste trabalho busco articular às discussões sobre a escrita da história fabricada no digital através da agência dos não-humanos na pesquisa histórica às reflexões sobre o pós-humanismo. Os desafios da “virada digital” colocaram os historiadores na berlinda. A internet e toda configuração semântica da *web* possibilitaram que um outro *lócus* de pesquisa e de ensino ampliasse os horizontes das historiadoras e historiadores permitindo se pensar a agência dos não-humanos na pesquisa histórica (LATOURET, 2001). Na cultura digital as práticas de pesquisa foram sendo reconfiguradas e novas problemáticas surgiram na operação historiográfica. Nesse contexto, as fronteiras entre humano e não humano são transgredidas e acabam que por revelar um lugar de encontros, fluxos e intensidades que se misturam e se reconfiguram no ciberespaço. Assim, neste estudo, a imagem do ciborgue como uma fusão dos não-humanos com os humanos nos estimula a repensar a subjetividades humanas para além da formatação do mundo cartesiano (HARAWAY, 2009). O ciborgue dissolve a homogeneidade do humano e nos faz pensar em termos de fluxos e intensidades que não mais constituídas por unidades ou sujeitos de onde se partiriam as ações sobre outras unidades, mas pelo contrário é pensada a partir de correntes e circuitos que se encontram aquelas unidades em sua passagem e onde primários são os fluxos e intensidades, relativamente aos quais os indivíduos e os sujeitos são secundários, subsidiários (TADEU, 2009). Por outro lado, na medida que estudamos as relações entre humanos e não-humanos na crítica atual do antropocentrismo nas ciências humanas analisamos os enredamentos de novos arranjos e configurações de temporalidades no presente e que por sua vez estão articuladas as relações sociais caracterizadas por formas de mercantilização das dimensões humanas e não humanas da vida atual (PEREIRA; ARAÚJO; 2019) onde o mundo aparece a ele mesmo sob a sombra de um esgotamento de si e no limite um mundo cansado e afetado pela hipercomunicação (HAN, 2018) e pelos algoritmos que direcionam nossa atenção e capturam nossas subjetividades no mundo contemporâneo (SILVEIRA, 2019).

Palavras-chave: História; Pós-Humanismo; História Digital, Tempo Presente

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Introdução

Na tela do computador a historiadora se conecta aos mais variados passados digitais que se encontram armazenados em um arquivo da *web*¹. No arquivo da *web* a historiadora navega pelos fragmentos de passados digitais que não mais disponíveis na *web* aguardam para “renascerem” e serem replicados no ciberespaço. Por meio do computador explorando a *web* a historiadora se vê confrontada com esse *lócus* de pesquisa. Esse *lócus*, imaterial e efêmero, apresenta o tempo através de simulacros onde a historiadora navega por diversas temporalidades. Neste contexto, não estamos mais diante de um tempo linear, mas sim de múltiplos simulacros de tempos que estão sendo vivenciados das mais variadas formas possíveis na cultura digital.

Esses simulacros de tempos que vão configurar os passados digitais se caracterizam pelas novas formas em que as memórias e os passados digitais são armazenados no ciberespaço. As configurações da *web* possibilitaram que os passados e as memórias se transformassem em um conjunto de dados, que dispostos no digital, estão sendo armazenados ou capturados automaticamente por robôs, *crawler*, um agente não-humano. Os arquivos da *web*, por sua vez, surgiram de uma grande preocupação pela preservação das informações produzidas na *web*. A internet produzia suas histórias expandindo suas dimensões na *web* em uma grande quantidade de dados evidenciando cada vez mais a sua natureza fluída, volátil e efêmera, caracterizando-se assim como um dos desafios para os historiadores que fazem história no digital (MILLINGAN, 2016).

A internet começou a ser pensada como um potencial arquivo para a preservação do passado digital e da história produzida na *web*. Iniciativas como a do engenheiro da computação, Brewster Kahle, na criação do *Internet Archive*² vão demonstrar essa

¹De acordo com Niels Brügger (2012) a *web* é uma parte específica da internet criada a partir do protocolo w.w.w. inventado nos anos de 1990 por Tim Berners-Lee e que possibilitou o desenvolvimento das interfaces dos ambientes virtuais no ciberespaço. Para Brügger (2012) é importante marcar a distinção entre a internet e a *web*, pois apesar de parecerem sinônimos para o senso comum, a *web* está mais relacionada a semântica criada nos ambientes virtuais através da cultura digital, já a internet representa o meio e o tipo de conexão e infraestrutura técnica existentes para se acessar a *web* (RODRIGUES, 2019, p.151).

² É um site de arquivamento da *web*, sem fins lucrativos, criado em 1996 e que tem por objetivo armazenar e criar uma biblioteca digital com a história da *web*. Uma das suas metas é fornecer acesso universal ao conhecimento por meio da preservação de páginas da *web*, livros digitalizados, *e-books*, músicas, imagens

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preocupação com o armazenamento e preservação da história da *web*³ para os historiadores, o público em geral e para as gerações futuras.

De todo modo, a internet se tornava a espinha dorsal da comunicação humana no mundo e a *web* se complexificava com a produção de novas funcionalidades tecnológicas e de formatos comunicacionais na produção da cultura digital. Assim, o conhecimento histórico foi sendo impactado por esses novos arranjos e formatos de escrita na *web*, das novas formas de comunicação do conhecimento histórico para o público, dos usos teóricos e metodológicos das tecnologias digitais a partir dos processos de digitalização dos documentos impressos e das funcionalidades do emprego dessas ferramentas de processamento de dados na pesquisa histórica. Além das implicações de uma escrita da história que emerge do digital, emaranhada nos fluxos de dados e na agência dos não-humanos⁴ na pesquisa histórica.

Na busca de compreender algumas dessas implicações sobre o uso da tecnologia no ofício da História, este texto, foi dividido em duas partes onde primeiro busco refletir sobre a escrita da história fabricada no digital e a agência dos não-humanos no percurso da minha pesquisa de mestrado. Dessa forma, investigo como meu fazer histórico no digital se traduziu em um outro *locus* de pesquisa pelo uso de arquivos da *web* e das tecnologias no processo de escrita da história. Assim, explorar a agência performativa de um não-humano na prática historiográfica me permitiu ampliar meus horizontes para pensar nas possibilidades de uma história mais que humana ou pós-humanista.

Segundo, investigaremos os estudos sobre o pós-humanismo a partir de um “retorno as coisas”⁵ que consideram os não-humanos como agentes históricos em suas

em movimento, vídeos e programas televisivos . Atualmente o site arquivou mais de 543 bilhões de páginas da *web*. Para saber mais acesse o site : <https://archive.org/> . Acesso em 03/03/2021.

³ Além do *The Internet Archive* existem outras iniciativas de arquivamento da *web* que podem ser encontradas em : https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquivamento_da_web ou em ações de países pelo mundo para preservação da *web* como da *International Internet Preservation Consortium*, para saber mais acesse: <https://netpreserve.org/> . Acesso em 03/03/2021.

⁴ Nesta pesquisa os não-humanos significam os objetos técnicos produzidos pelas tecnologias digitais no ciberespaço como um arquivo da *web* e seu robô de arquivamento, *crawler*. De qualquer forma um não-humano pode significar também estudos de animais, florestas, estudos de plantas e estudos das coisas (DOMANSKA, 2013).

⁵ O retorno das coisas não quer dizer que as coisas foram negligenciadas pelos historiadores. Pelo contrário os estudos das coisas é a principal tarefa da história da cultura material. Assim, o desafio não é para encontrar uma forma de ultrapassar tanto a descrição positivista das coisas e a abordagem semiótica para a coisa como texto, símbolo ou metáfora. Narrativismo e textualismo "desmaterializado" coisas por comparação a coisa ao texto e pesquisa para a leitura, e perceber a coisa como uma mensagem ou sinal.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pesquisas (DOMANSKA, 2010 APUD BIANCHI; SILVEIRA, 2016) , o que significa pensar também nas problemáticas do tempo presente na crítica atual do antropocentrismo nas ciências humanas, especificamente na História, analisando os enredamentos de novos arranjos e configurações de temporalidades no presente e que por sua vez estão articuladas as relações sociais caracterizadas por formas de mercantilização das dimensões humanas e não humanas da vida atual (PEREIRA; ARAUJO, 2017) e por isso também necessitam de um crítica.

Uma historiadora nas encruzilhadas do Digital : reconfigurando a pesquisa histórica em rede

No limiar do século 21 uma miríade de tecnologias se fundiu as nossas vidas em todas a suas esferas seja a econômica, a social e a cultural. O digital extrapolou as dimensões humanas de modo que os objetos técnicos povoam nosso cotidiano e imaginário. Assim, os objetos técnicos são espécies de entidades que vão “performando” gerando comportamentos específicos transformando nossas práticas sociais. A cultura digital, produzida no ciberespaço, configurada por *bits*, *bytes*, máquinas de processamento de dados, códigos, *crawler*, arquivos da *web*, algoritmos, redes sociais, *blogs* e sites se misturam as vidas humanas, reconfigurando assim, os tempos e os espaços ou nosso “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” (KOSELECK, 2006)⁶.

Na pandemia⁷ do COVID- 19, instalada no mundo em 2020 , experienciamos uma situação limite. Segundo os historiadores Mateus Pereira, Mayra Marques e Valdeci Araujo (2020) na pandemia vivenciamos um tempo epidêmico, marcado pela quarentena onde diariamente somos bombardeados com informações sobre a velocidade do contágio,

Mas de demonstrar a agência de coisas, acentuando o fato de que as coisas não só existem, mas também agem e possui potencial performativo (DOMANSKA, 2013, p.22).

⁶ Essas duas categorias históricas nos auxiliam a pensar como cada presente constrói uma nova relação com o futuro e o passado na percepção histórica da passagem do tempo . Assim, podemos constatar, que as tecnologias digitais têm reconfigurado os tempos históricos, uma vez que seres humanos e as tecnologias têm se fundido cada vez mais através do ciberespaço e da cultura digital.

⁷ Nossa situação é dramática, enquanto escrevo esse texto, são quase 300 mil mortes, que poderiam ter sido evitadas se o governo federal não tivesse provocado um desmonte na saúde e na recusa do planejamento para enfrentar o vírus. Assim, na medida em que nossa tragédia acontece ela impacta a vida de milhares de brasileiras e brasileiros. As desigualdades sociais e econômicas com a pandemia se tornaram mais evidentes. É um trauma vivido coletivamente pelos brasileiros, que ao mesmo tempo, ocorre em proporções planetárias.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o número de óbitos, restrições e o *lockdown*⁸. Na internet navegando pela *web*, nossa presença no virtual nos conecta ao tempo coletivo (PEREIRA; MARQUES; ARAUJO, 2020).

Além disso, a pandemia nos mostrou os impactos da fusão cada vez mais intensa dos humanos com as tecnologias. O trabalho *home-office*, reuniões de trabalho, *lives* e o entretenimento. Todas as atividades realizadas através da tela de um computador ou *smartphone* que se conectam de modo impactante nos cotidianos ao redor do mundo.

Plugados a uma variedade de aparatos tecnológicos é impossível não dizer o quanto a tecnologia transformou o mundo no século 21. O digital rompeu com as fronteiras e limites impostos pela dualidade do mundo cartesiano da modernidade ocidental. Na pandemia, navegamos como seres digitais em busca de nossa humanidade, somos os ciborgues⁹ de Donna Haraway (2001). A pandemia, ainda revelou nossa fragilidade enquanto seres humanos em um mundo cada vez mais povoado por tecnologias, vírus e catástrofes ambientais que se conectam as expectativas de um futuro cheio de incertezas.

Na quarentena nos historiadores fomos impactados diretamente pela pandemia, nossas práticas, em sua maioria, foram digitalizadas. De fato, nossas práticas nos transformaram em historiadores que navegam com muito mais frequência no digital. Encontros virtuais, aulas, discussões, cursos e eventos virtuais realizados no ciberespaço digitalizaram nossas práticas. Essas transformações que se intensificaram na pandemia, por sua vez, se somaram as discussões sobre os impactos da “virada digital”¹⁰ nos domínios da história e de sua historiografia.

⁸⁸ O *lockdown* quando acionado me parece que nos coloca em um momento de desaceleração?

⁹ O ciborgue de Donna Haraway é uma metáfora, retirada da literatura de ficção científica, para um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura de ficção. Realismo social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (HARAWAY, 2001, p.36).

¹⁰ O termo “virada digital” significou para a História a volta das discussões sobre o método e o uso das tecnologias na pesquisa histórica e que se conectaram ao uso das fontes digitais e das nascidas digitais, *born digital*, na *web*, bem como as problemática que envolvem os impactos dessas transformações na escrita da história (AYERS, 1999; COHEN; ROSENZWEIG, 2005; FICKERS, 2012; WELLER, 2015), além de reflexões sobre os usos das tecnologias digitais para a realização de uma História feita para e com o público e por isso propõe essa ligação entre História Digital e História Pública (NOIRET, 2015).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste cenário, os impactos das tecnologias digitais no ensino, pesquisa e divulgação da história iram significar novos arranjos e formatos de ensino e escrita na *web* e que envolveram outras formas que o conhecimento histórico pode chegar ao público mais amplo. Os desafios colocados pela tecnologia ainda se articularam as questões metodológicas, evidenciadas pela história digital relacionadas ao uso de tecnologias e de *softwares* que auxiliem na pesquisa histórica, além do uso e crítica das fontes digitalizadas ou das nascidas no digital.

Em um contexto mais amplo, pode-se dizer que a “virada digital” é também um movimento que pode ser relacionado a “crise da razão” ou da “modernidade”, na medida em que muitos postulados que conformaram a disciplina história começaram a ser questionados pelos historiadores ampliando assim os horizontes possíveis para a crítica ao eurocentrismo e ao regime historiográfico disciplinado, as potencialidades da indisciplinada, a descolonização da história, as discussões sobre as questões de gênero, raça e classe, bem como sobre a escritura de história feita em outros formatos para o público não especializado (AVILA; NICOLAZZI; TURIN, 2019) e que estão ligadas também as questões sobre virada ético-político na historiografia (RANGEL, 2016).

Todas as proposições, descritas acima, distintas em suas anunciações, mas que demonstram uma preocupação em comum ao partirem de uma consciência aguçada acerca das condições de possibilidade da nossa disciplina no mundo contemporâneo. De todo modo, minhas reflexões se cruzam com essas discussões, na medida em que nas encruzilhadas do digital, no percurso de minha pesquisa, pude refletir sobre as formas em que o digital tem impactado a história no tempo presente.

A princípio no percurso de minha pesquisa de mestrado¹¹ eu buscava somente compreender as sociabilidades dos historiadores brasileiros em rede e online, minha fonte histórica foram as páginas da rede social Café História (2008-2017)¹². Assim, me

¹¹ A pesquisa de mestrado resultou na dissertação “Navegando pelo Passado: Redes Sociais e os Problemas da Historiografia na Era Digital” (2019).

¹² Quando propus o projeto de pesquisa a rede social Café História estava online, porém, em 2017 a rede foi desativada por seu criador Bruno Leal e transformada em um Portal de Divulgação Científica da história. A questão sobre a desativação da rede social Café História foi investigada na dissertação através de uma entrevista realizada com o editor-chefe do Café História Bruno Leal e a subeditora do Ana Paula Tavares. O Café História foi pioneiro na divulgação científica da História no Brasil e atualmente é um dos

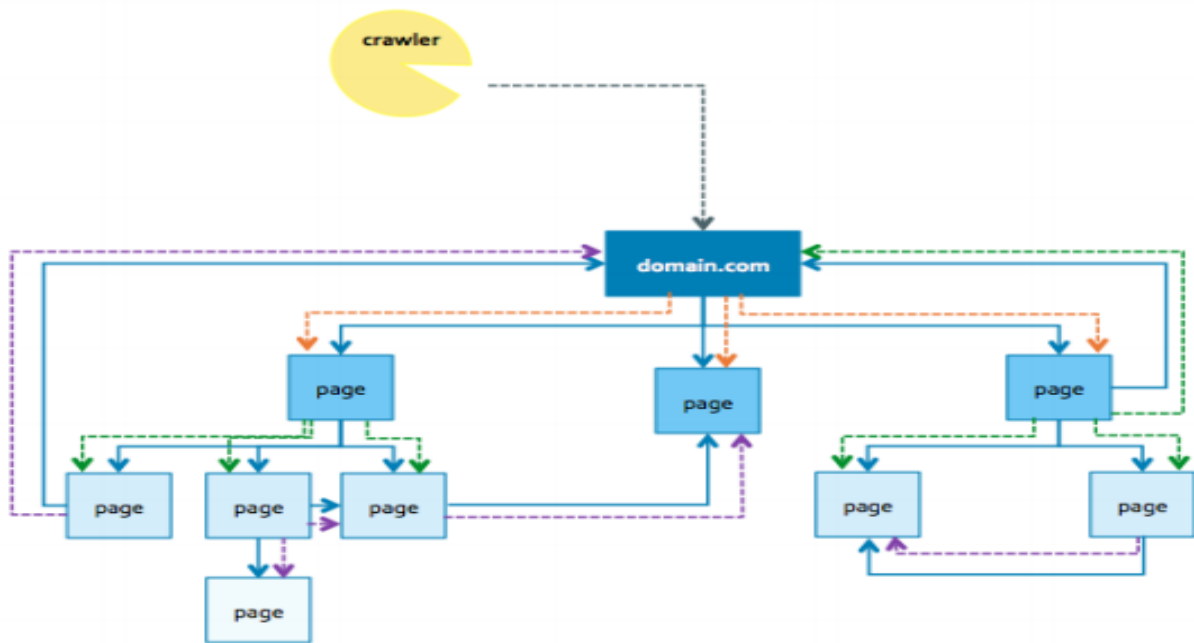
ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

encontrei a trabalhar em um outro *locus* de pesquisa. Da materialidade dos arquivos, das fontes e do nosso ofício, que representa as condições de possibilidade da disciplina desde sua constituição científica e moderna no século 19, o meu fazer histórico acontecia na *web*, na imaterialidade das redes e nas dinâmicas da internet. Minha fonte histórica, por sua vez, era acometida pela própria natureza provisória da internet e desaparecia nas dimensões espectrais da *web* configurando-se como um passado digital.

A pesquisa, portanto, teve que ser reconfigurada, de modo que as fronteiras entre eu e meu objeto começaram a ser implodidas para abrirem margem para um encontro entre o digital e a historiadora. Nesse momento, os rastros da rede social Café História para historiadores brasileiros haviam sido armazenados em um arquivo da *web*, *Internet Archive*.

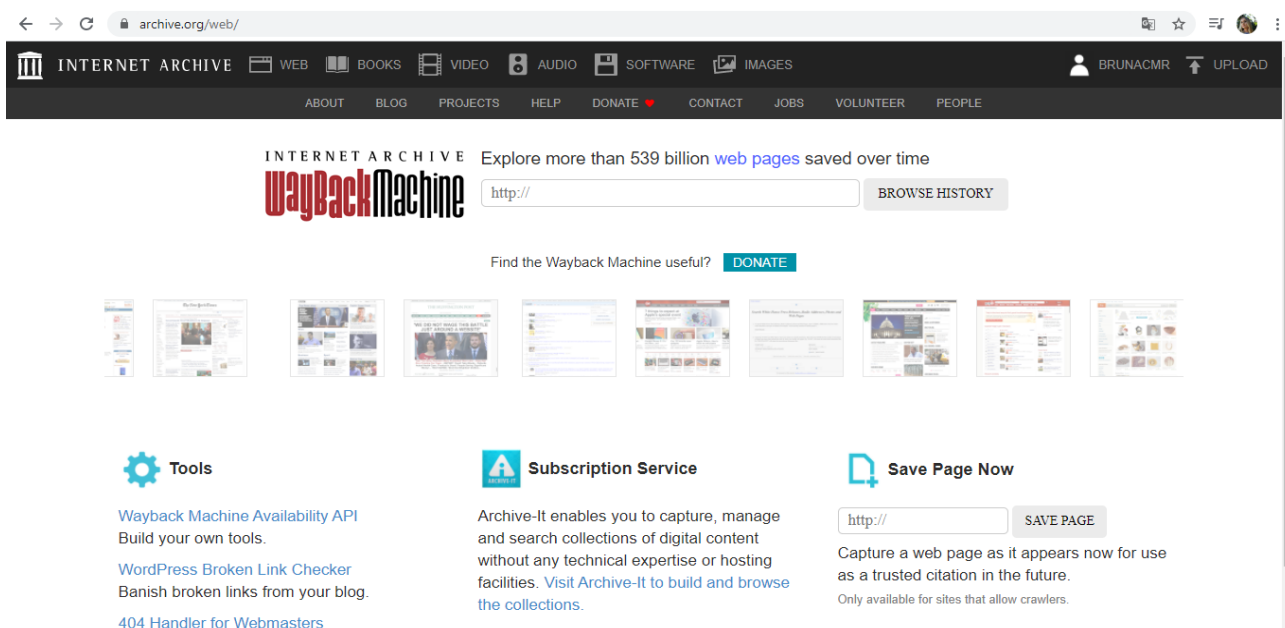
Os arquivos da *web* promoveram uma ruptura com a materialidade dos documentos, que na *web* são constituídos de *bits*, *bytes*, códigos, *links*, imagens, vídeos e áudios, que vão configurar os dados de uma página da *web* arquivada. O processo de armazenamento é realizado por um rastreador da *web*, um *crawler*, que vai performando seguindo os rastros das páginas da *web* através das dinâmicas e das movimentações que ocorrem no ciberespaço. O robô de rastreamento, o *crawler*, começa navegando a partir de uma lista de URL¹³ onde vai adicionando a sua lista de navegação os *links* encontrados nas páginas da *web* indexadas. Assim, o rastreador vai navegando pelas páginas da *web* criando cópias em HTML¹⁴ para armazenamento no arquivo.

Figura 1 -Processo de arquivamento feito pelo crawler onde as linhas azuis representam os links, enquanto as linhas pontilhadas mostram o movimento de arquivamento feito pelo crawler.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No caso do *Internet Archive* o crawler *Heritrix*¹⁵ é programado para capturar todos os sites que encontrar, ao menos que ele tenha recebido um comando de bloqueio. Para não ocorrer o rastreamento, os criadores de sites devem programar comandos de bloqueio para impedir o rastreamento. Logo após a captura e o armazenamento o site pode ser acessado através de um banco de dados, o *Wayback Machine*.



The screenshot shows the Internet Archive Wayback Machine homepage. At the top, there is a navigation bar with the Internet Archive logo and links for WEB, BOOKS, VIDEO, AUDIO, SOFTWARE, and IMAGES. Below this is a secondary navigation bar with links for ABOUT, BLOG, PROJECTS, HELP, DONATE, CONTACT, JOBS, VOLUNTEER, and PEOPLE. The main content area features the Wayback Machine logo and the text "Explore more than 539 billion web pages saved over time". There is a search input field with "http://" and a "BROWSE HISTORY" button. Below the search field is a "DONATE" button and a row of thumbnail images representing various archived web pages. At the bottom, there are three sections: "Tools" with links for "Wayback Machine Availability API", "WordPress Broken Link Checker", and "404 Handler for Webmasters"; "Subscription Service" with a description of Archive-It; and "Save Page Now" with a "SAVE PAGE" button and a description of the service.

Fonte: Print screen da autora, 2021.

O *Wayback Machine* funciona da seguinte forma, um usuário pesquisa uma URL no buscador do site *Internet Archive*, em seguida ele é direcionado para o *Wayback*

¹⁵ Rastreador da *web* desenvolvido por pelo *Internet Archive*, em código aberto e que está disponível para uso de qualquer pessoa sendo o rastreador mais popular entre as iniciativas de arquivamento na *web*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Machine. No *Wayback Machine* será apresentada a ele uma compilação de informações gerais dos dados de captura e do período em que o site foi arquivado. As páginas arquivadas representam somente aquelas que foram colocadas com informações públicas. (BOYLE, 2016, p. 19-20).

Segundo Niels Brügger (2012) os arquivos da *web* não conseguem salvar e armazenar todos os *links* e informações do site recuperado e nem preservar as funcionalidades que ali existiram. Assim, *Internet Archive* não é uma exceção e apresenta também essa falta de informações contextuais no armazenamento dos dados.

A fragilidade dos dados que os arquivos *web* apresentam são um dos desafios para os historiadores do digital, que em suas buscas por pistas e indícios confiáveis na *web* iram encontrar passados digitais fragmentados. Entretanto, ainda que a efemeridade/provisoriedade das informações sejam um dos desafios para quem faz uma história no/do digital, os arquivos da *web*, como *Internet Archive*, permitem que aqueles passados digitais, mesmo que desconfigurados de seus contextos, possam ser investigados e interpretados por historiadores. Portanto, os arquivos da *web* representam uma das questões fundamentais para se compreender os desafios disciplinares da História no futuro.

Os arquivos da *web* são um sistema fluído de organização de dados, sobretudo, pela forma de armazenamento automática operada pelos não-humanos. Os arquivos da *web*, neste contexto, produzem a evidência histórica ao recriarem a cópia arquivada da página da *web*. Essa recriação é realizada através do que foi coletado e armazenado pelo *crawler*. Esses dados são distribuídos em linguagem HTML, *links*, imagens, vídeos e textualidade eletrônica. A recriação dos dados da página da *web* será sempre incompleta porque o que foi perdido nunca mais poderá ser recuperado. Assim, um dos primeiros paradoxos da *web* é sobre sua provisoriedade, de modo que ao projetarem as potencialidades enciclopédicas de um arquivo infinito, projetaram também as desilusões efêmeras da internet e das configurações semânticas da *web* (BRÜGGER, 2012).

O arquivamento das páginas da *web* não equivale ao processo de digitalização porque um site arquivado nunca será o original, mas sim uma reconstrução subjetiva daquele passado digital. As páginas da *web* arquivadas configuram-se a partir de uma reconstrução subjetiva orientada pelas decisões automáticas de um robô, o *crawler*, que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

performando utiliza inúmeras decisões, que podem estar relacionadas à instituição ou empresa que coordena o arquivamento, de modo a automatizá-lo determinando quais tipos de páginas da *web* deverão ser armazenados. Além disso, as próprias decisões do *crawler* e da agência de uma inteligência artificial determinam o que será arquivado ou não.

A reconstrução subjetiva em um arquivo da *web* operacionaliza-se através dos fragmentos de dados, que desconfigurados, são recriados através de um banco de dados digital como no da *Internet Archive* que ocorre através da *Wayback Machine*. Assim, não são apenas criadas cópias, mas recriações de versões únicas daquilo que foi coletado da página arquivada. De todo modo, essa reconstrução não significa uma simples cópia do que foi armazenado, mas uma reconstrução subjetiva que apresenta uma “aura” individual (BRÜGGER, 2012).

O arquivo da *web*, nessas circunstâncias, deixa de ser um simples intermediário para o historiador e transforma-se em um mediador, ou seja, um ator dotado da capacidade de traduzir aquilo que transporta, de redefini-lo, desdobrá-lo e de trai-lo, a partir de uma rede sociotécnica de interações e associações que surgem a partir da relação entre o arquivo da *web* e a prática da historiadora. Desse modo, os atores humanos e não-humanos agem mutuamente, interferem e se influenciam na relação um com o outro. O não-humano configura-se como um mediador que pode alterar a ordem do real reprogramando um novo ritmo de ação para os humanos (LATOUR, 2001, p.80).

Nesse encontro entre a historiadora e o digital, a imagem do ciborgue, demonstrou ser um lugar de encontros, fluxos e intensidades, que ao se misturarem reconfiguraram a prática de pesquisa histórica no ciberespaço. Assim, neste estudo, podemos visualizar que a historiadora e o arquivo da *web* se conectaram na prática historiográfica. A historiadora ciborgue significou então a fusão dos não-humanos com os humanos nas dimensões da *web* a partir das configurações da internet, o que por sua vez, me possibilitaram, neste texto investigar as formas em que podemos repensar as subjetividades humanas para além do dualismo que compreende a formatação do mundo cartesiano (HARAWAY, 2000).

Neste sentido, na medida em que minha pesquisa avançava na busca e na coleta das páginas da *web* da rede social Café História novos rearranjos ocorriam nas relações

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entre a historiadora, sua prática, o arquivo da *web* e o meu objeto de pesquisa. As constatações dessas transformações ocorreram pelo tipo de imersão que me foi possível fazer ao navegar pelas páginas armazenadas no arquivo da *web* na busca por pistas e rastros de como ocorriam as sociabilidades dos historiadores brasileiros em rede e online.

Nesse caso, o não-humano, o *crawler*, do arquivo da *web*, configurava-se como um mediador reprogramando minha pesquisa. Conforme as fontes “renasciam” através do *Wayback Machine*, uma marca subjetiva do não-humano era traduzida na documentação histórica acessada, interferindo assim nos rumos da pesquisa. Isto porque ao seguir os rastros dos historiadores brasileiros em rede, eu era impactada pelos novos rearranjos sociais e de agenciamento que surgiram a partir do contato e mediação com os não-humanos.

Em contrapartida, quando eu historiadora operava a *Wayback Machine* para acessar a página da rede social, o arquivo da *web*, promovia uma atualização temporal, um *update*, na página arquivada mostrando quantas vezes havia ocorrido a “reconstrução” da fonte acessada no arquivo da *web*. Assim, toda vez que o passado digital era acessado no presente, uma atualização temporal era registrada, como parte do processo de lembrança e esquecimento operada pelo arquivo da *web*. Esse processo caracterizaria um tipo de temporalização atualista cada vez mais evidente nas teias do digital (PEREIRA; ARAUJO, 2017).

Uma historiadora ciborgue, portanto, se manifestava a partir dos novos rearranjos sociais que surgiram por meio de uma prática historiográfica fundida a cultura digital e fabricada no ciberespaço. De qualquer forma, a partir das práticas de uma historiadora ciborgue, me foi possível pensar nas relações entre humanos e não-humanos e assim refletir sobre as possibilidades do encontro entre a História e o digital pelos estudos não centrados nos seres humanos. Como vemos a seguir, isso significa dizer que minha imersão pelo digital me permitiu refletir sobre horizontes possíveis para os estudos históricos que considerem os não-humanos como agentes históricos no contexto dos estudos pós-humanistas (DOMANSKA, 2010 APUD BIANCHI; SILVEIRA, 2016).

Pós-Humanismo e História : ampliando horizontes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quando navegamos pelo ciberespaço a diferença entre o real e o virtual vão sendo diluídas pelas dimensões imersivas da *web*. Isso ocorre porque a arquitetura da internet criou as condições necessárias para essa experimentação imaterial do real. Os ambientes navegáveis da *web* configurados pelos seus circuitos, rizomas e redes de interconexões virtuais criaram formas cada vez mais imersivas de navegação. Assim, o real e o virtual já não poderiam mais serem pensados apartados entre si, mas conectados por esses circuitos de relações construídos ao navegar pelo ciberespaço. As identidades antes tão simétricas e estáveis foram sendo reconfiguradas nas fragmentações identitárias e mutáveis do digital.

Como os navegantes virtuais, em meados dos anos 2000, as historiadoras e os historiadores brasileiros também embarcaram nessa experimentação navegando pelas interconexões da rede social Café História entre os anos de 2008 a 2017. Nesse período de popularização da internet no Brasil, as mídias digitais, articuladas através das redes sociais produziram novas formas de comunicação e sociabilidades. Essas interconexões entre historiadores e historiadoras em rede ocorriam, principalmente através da produção e do consumo do conhecimento histórico na *web*. A rede social Café História promovia uma atmosfera imersiva, o que permitia aqueles historiadores a construção do seu Eu-digital¹⁶ (AMARAL, 2016 APUD RODRIGUES, 2019).

A interpenetração entre o real e o virtual nas dimensões da *web* produziram uma nova ordem do real frente aos novos contextos e práticas configurados pelas tecnologias digitais que desafiam as categorias tradicionais da realidade (KIM, 2004 APUD RODRIGUES, 2019).

Segundo Bruno Latour (1994) o que ocorria no final do século XX era a liberação dos híbridos do cogito cartesiano, que produzidos pelas promessas do modernismo e dos ideais do positivismo em controlar o caos do mundo haviam povoado o mundo de objetos técnicos, seres humanos, bricolagens, biotecnologias, psicopolítica, transhumanismo e

¹⁶ O Eu, no cenário digital, é construído pela linguagem (independentemente do suporte) e pelas interações. As construções narrativas de identidade no ciberespaço estão também associadas à questão da visualização: as interfaces gráficas materializam o espaço dos lugares, o que permite simular a presença [...] as experiências imersivas em ambientes virtuais permitem a integração do utilizador num espaço e na rede, enquanto esfera social, de forma ativa, proporcionando novas relações e práticas sociais partindo da premissa de elemento integrado na comunidade (AMARAL, 2016,p.94-97).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tecnociência que se acoplavam a economia, cultura e as artes em uma intensa hibridização, onde as fronteiras entre o digital e o real estavam sendo rompidas. Reconfigurados os híbridos transitam em um circuito integrado de fluxos dos dados, *bits*, *bytes*, algoritmos, seres humanos, robôs e inteligências artificiais.

Os historiadores que navegaram nesses fluxos e intensidades na rede social Café História experimentaram esse mundo híbrido, tecnológico e permeado por bricolagens digitais. Ao navegarem pela rede social os historiadores transitavam entre a cultura escrita e a cultura digital. Na rede suas identidades eram construídas através de laços sociais que os ligavam pelo seu *ethos* disciplinar, a reciprocidade entre os indivíduos na rede era a principal forma de se conectar nos primeiros formatos de redes sociais da *web* nos anos 2000.

A rede social Café História acompanhava as transformações das interfaces gráficas e estruturais da *web*¹⁷. As configurações da rede social foram programadas no contexto da *web 2.0*, participativa e colaborativa, promovia novas formas de interações e práticas sociais. Na medida que a internet se complexificava na esfera tecnocial da *web 2.0* começava a se transformar através da *Big Data*. As redes sociais começavam a serem automatizadas por algoritmos e com recursos de maior interação simultânea. Assim, em um intervalo de alguns anos as interconexões criadas pela rede social Café História haviam se tornado obsoletas, tanto pelo surgimento de redes mais imersivas e interativas, quanto pela circulação cada vez mais densa de dados e informações.

Da obsolescência programada da plataforma da rede social surgiram novos formatos de sociabilidades e consumo das informações nas redes que figuravam os novos rearranjos sociais, que fluídos e em constante “atualização” configuravam uma estrutura arquetípica das temporalizações do atualismo (PEREIRA; ARAUJO, 2017). Desse modo, ainda que a busca por uma identidade virtual entre os historiadores online tenha significado o encontro com seu *ethos* disciplinar, reconfigurados pelo digital, a desativação da rede significou a agência das novas experiências sociais fraturadas dos

¹⁷ Alguns estudiosos definem duas dimensões de desenvolvimento das interfaces da web ou word wid web, criada por Tim Berners-Lee em 1900. Desse modo, a web 1.0 significou o início das primeiras interfaces gráficas da web que era linear e estática mais utilizada para trocas de mensagens e informações. E um segundo momento, em meados dos anos 2000, onde as tecnologias foram sendo aperfeiçoadas para proporcionar uma maior imersão e interatividade entre os indivíduos em rede, a chamada web 2.0, interativa e social, configurava-se em redes interativas de comunicação horizontal que conectam o local e o global de maneira simultânea (AMARAL, 2016; CASTELLS,1999).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indivíduos em rede. A hiperaceleração produziu uma “crise ontológica” onde o sujeito é forçado a negociar permanentemente as condições de sua individualidade sob circunstâncias existenciais perpetuamente diferentes (TURIN, 2018).

Essas experiências fraturadas, citadas por Rodrigo Turin (2018), me conduziram a refletir sobre como essas novas configurações da sociedade automatizada e governada por algoritmos (SILVEIRA, 2018) demonstram a emergência do *homo digitalis*. Segundo Byung-Chul Han (2018) o *homo digitalis*, fragmentado e instável foi reconfigurado pelas mídias digitais em enxames, que isolados para si e singularizados diante da tela do computador se fundem cada vez mais em uma massa fechada e homogênea de indivíduos incapazes de configurar um Nós, de ação coletiva.

O enxame digital se distinguiu daqueles laços de reciprocidade criados pelos historiadores brasileiros na rede social Café História e que caracterizavam as redes sociais na primeira década do século 21. Para Han (2018) as técnicas de poder do capitalismo neoliberal transformaram as dinâmicas sociais fazendo emergir o poder psicopolítico que atua na psique do *homo digitalis*. O esquema do poder psicopolítico não se reduz à dinâmica do mercado, às formas de produção ou à lógica governamental, em vez disso, encontra seus eixos nas tecnologias de comunicação digital.

Com a multiplicação dos *smartphones*, o pensamento se reduz a um imediatismo resoluto no *input-output*, onde os outros estão presentes o tempo todo olhando e te vigiando. A temporalidade aberta entre o passado e o futuro é sufocada pelo olhar constante dos outros, que reprime e se distancia da temporalidade profunda do pensamento, que acaba (paradoxalmente) distanciando outras formas de pensamento, porque para o *homo digitalis* as imagens têm mais vida do que as pessoas reais. É uma imunização contra o bombardeio de imagens que permite que tudo seja consumível. A percepção é enfraquecida em uma paralisia da habilidade analítica. A distância que permite a reflexão em profundidade a partir do conhecimento e julgamento, é anulado em um presente absoluto (HAN, 2014; MALAMACI, 2017).

As ferramentas do ciberespaço permitem prever o comportamento das pessoas em uma rede de controle e vigilância mais sutil e eficaz que as da biopolítica. Esse poder inteligente torna o *Big Data* um instrumento político que controla a dinâmica social,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intervindo diretamente na psique dos sujeitos. A mídia digital é uma mídia da presença e a sua temporalidade é o presente imediato. Esse tipo de comunicação digital se caracteriza pelo fato de que as informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por mediadores, como ocorria, nos primeiros formatos das mídias digitais, mas pelo contrário a mediação e representação das mídias impressas são vistas como ineficientes e não-transparentes, tornando-se obsoletas (HAN, 2019, p.23).

O duplo papel de consumidores e produtores induzidos pelas mídias digitais aumentaram o volume das informações. Sem espaços ou instancias intermediárias, as mídias digitais, como as redes sociais blogs, Facebook e Twitter desmediatizam a comunicação. A desmediatização da comunicação faz com que jornalistas pareçam completamente anacrônicos e superficiais, assim como historiadores. A crescente compulsão por presença que a mídia digital produziu ameaça o princípio universal da representação, que antes funcionavam com um filtro positivo que cultivava a linguagem, agora a desmediatização produz uma massificação que tornam a linguagem e cultura opacas. O culto a transparência da comunicação anuncia uma mudança de paradigma, onde uma mudança normativa está em processo ditando o que é e o que dever ser definindo um novo ser (HAN, 2018, p.26).

Essas transformações vão desencadear uma crise da comunicação, que nas palavras de Han (2018) ocorre para além da crise econômica e social, pois é uma crise espiritual, que se exterioriza no volume de dados e informações opacos que circulam no ciberespaço. Por sua vez, essa crise da comunicação afeta diretamente os domínios disciplinares da História que são transformados pelas novas formas de comunicação induzidas pelas mídias digitais.

Segundo Rodrigo Turin (2018) a crise que atravessa as humanidades e que atinge o campo disciplinar da História fez com que ela enfrentasse uma dupla pressão, que interna e externa impacta no trabalho do historiador e no lugar da disciplina história na sociedade. Dessa forma, as demandas externas configuram-se pelas exigências do mundo globalizado e do capitalismo tardio na relação Estado-sociedade-universidade gerando uma desvalorização da produção das humanidades, em detrimento dos valores como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eficiência, produtividade e flexibilidade. Já as demandas internas, que relacionadas a essas novas configurações externas representam o esvaziamento das bases e das fronteiras que formaram a identidade disciplinar, o que por sua vez, recaem sobre um déficit teórico de auto-legitimação¹⁸.

Essa dupla pressão que vai caracterizar a crise disciplinar no campo da História ainda tende a responder as configurações dessa nova temporalidade, que marcada pela hiperaceleração se relaciona também a experiência histórica baseada nos princípios do neoliberalismo. Essa hiperaceleração acabou que por produzir uma crise ontológica a partir de novas dimensões temporais que se expandem e se chocam com as idiosincrasias da história, cada vez mais perceptíveis em uma dimensão intergeracional de historiadores (TURIN, 2018).

Minha prática, que fabricada no digital, havia sido marcada pelas rupturas que advinham da crise ontológica da história e que ficavam mais evidentes diante da crescente incapacidade das categorias da modernidade como “formação” e “desenvolvimento” de expressarem as dimensões temporais e subjetivas dessas novas experiências sociais fraturadas no tempo presente (TURIN, 2018). Na minha incursão no digital me foi possível não somente compreender as transformações culturais e tecnológica que estão em processo, mas também refletir sobre os novos rearranjos epistêmicos em curso no campo das humanidades, especificamente na história.

Como vimos, os estudos de Bruno Latour (2001) e Donna Haraway (2000), que ultrapassam as categorias tradicionais do pensamento ocidental me possibilitaram pensar novos horizontes para os estudos das humanidades¹⁹. Assim, alinhados a outras maneiras

¹⁸ No caso brasileiro a crise na história tem se intensificado nos últimos anos por meio de cortes de custeio das universidades públicas, que consequentemente afetam os investimentos na graduação e pós-graduação dos cursos de história que sofrem com cortes de bolsas e investimentos em pesquisas. Também não é por acaso que o diagnóstico do aumento de casos de depressão em cursos de graduação e pós-graduação tenha se tornado tão frequente nos últimos anos. O problema é agravado por condicionantes que, não sendo exclusivamente brasileiras, se tornam mais pesadas em nosso contexto (SILVEIRA, 2020). Esse cenário cada vez mais submetido a processos avaliativos das ciências duras tendem a agravar ainda mais nossa situação (ARAÚJO, 2016).

¹⁹ Neste contexto, a Antropologia tem possibilitado horizontes profícuos para as ciências humanas nos estudos sobre a percepção de outras cosmologias como as percepções temporais dos povos originários, dos estudos sobre os não-humanos e sobre a Antropologia ecológica, entre os estudiosos, cito alguns como: com Eduardo Viveiros de Castro “Metafísicas Canibais (2015); Davi Kopenawa e Bruce Albert “A Queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami; Eliane Sebeika Rapchan Chimpanzés Possuem Cultura? Questões

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de compreender as transformações culturais pelas quais estamos inseridos, esse novo horizonte pode nos permitir questionar as concepções dominantes sobre a subjetividade humana, de modo que é no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a “humanidade” de nossa subjetividade se vê colocada em questão (TADEU, 2009).

Segundo a historiadora Ewa Domanska (2013) os estudos do pós-humanismo buscam repensar os humanos não mais como o centro do mundo, isto é, o paradigma não-antropocêntrico procura descentrar os seres humanos e focar em não-humanos (estudos de plantas, animais, moléculas, objetos técnicos, divindades, construções, procedimentos entre outros) como sujeitos da pesquisa para além de suas relações com os humanos. Entretanto, isso não quer dizer abandonar o humanismo e seus valores (tolerância, justiça, dignidade, igualdade e direitos humanos), mas antes compreendê-los como parte de uma construção histórica da singularidade humana.

O pós-humanismo²⁰, anunciado pela ficção científica, e produzido na interpenetração entre corpo e máquina, máquina e corpo transgrediram as antigas fronteiras que separavam os corpos das coisas possibilitando ultrapassar as fronteiras do cogito cartesiano. Com isso, o pós-humanismo não funciona como uma área ou campo disciplinar, mas como uma frente heterogênea no debate filosófico, militância política, prática cultural e inovação tecnocientífica onde se enredam argumentos, objetos, teorias, métodos e provocações que emergem da ruptura de binários constitutivos do humanismo como sujeito x objeto, mente x corpo e humano x não-humano, configurando-se como uma das possibilidades para os estudos das ciências humanas (BUZATO, 2019; FERRANDO, 2013; DOMANSKA, 2010).

A crítica ao antropocentrismo, neste contexto, ecoou nos estudos das humanidades, sobretudo, nos estudos históricos pela crescente consciência dos

para a Antropologia sobre um Tema ‘Bom para Pensar (2005) e Jean Segata “Pessoas, coisas, animais e outros agentes sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos (2011).

²⁰ O pós-humanismo tem muitas definições e pode ser usado para designar correntes de pensamento que buscam superar os conceitos e modelos explicativos herdados do humanismo ou ainda pode ser pensado como uma superação das barreiras físicas dos humanos a partir da engenharia genética humana, o destino seria o transhumanismo fazendo surgir um estado existencial pós-humano configurado pela fusão entre tecnologia e seres humanos (FERRANDO, 2013).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

historiadores que o mundo no tempo presente é atravessado por um conjunto de crises, como a crise política, as catástrofes ambientais provocadas pelas mudanças climáticas, as epidemias e as desigualdades econômicas e sociais que acabaram que por projetarem um futuro incerto para a espécie humana (DOMANSKA, 2013). Por outro lado, os avanços tecnológicos como a inteligência artificial, transhumanismo, biotecnologias e realidades virtuais promoveram uma ruptura cada vez mais evidente entre as fronteiras dos humanos e dos não humanos e a emergência de uma nova condição humana em curso. (TAMM; SIMON, 2020).

Segundo Ewa Domanska (2013) as teorias existentes e as ferramentas de interpretação são insuficientes para dar conta das rápidas mudanças em processo no mundo. Essa inadequação dos atuais métodos e teorias em lidar com as várias crises no mundo, inclusive as ecológicas. Para a historiadora os estudiosos teoricamente orientados estão se tornando mais e mais conscientes de que, após a virada pós-moderna para a uma realidade fragmentada, micronarrativa (micro-história) e histórias locais, há uma necessidade de repensar as "grandes questões" (DOMANSKA, 2013, p.13).

O termo Antropoceno²¹ surgiria como uma narrativa capaz de pensar o presente e de imaginar futuros desejáveis para o planeta terra (FERRÃO, 2017). Assim, o Antropoceno como uma fase geológica pós-holocênico representada pela força da ação global humana na estrutura geológica da terra significou a abertura de um novo horizonte para os estudos das humanidades. Segundo Chakrabarty (2013) a hipótese geológica do Antropoceno exige que coloquemos em diálogo as histórias globais do capital e a história da espécie humana. Para o autor:

[...] A problemática da globalização nos permite ler as mudanças climáticas apenas como uma crise da gestão capitalista. Embora não seja incorreto acreditar que as mudanças climáticas tenham muito a ver com a história do capital, uma crítica que se resume tão somente a ser uma crítica do capital já não é suficiente para abordar questões

²¹ É uma noção proposta pela primeira vez pelo químico holandês Paul Crutzen, ganhador do nobel em 1995. Crutzen era especialista nos estudos sobre como a ação humana estava transformando a composição da atmosfera, sobretudo, pela emissão de gases poluentes. Nesses vinte anos desde sua primeira inscrição na comunidade científica internacional, já foram criadas revistas especializadas, dezenas de grupos internacionais de pesquisa, milhares de artigos científicos, e uma crescente (e assimétrica) repercussão na esfera pública. Pode-se dizer que o Antropoceno é, também, um raro evento na história da ciência, dada a velocidade de sua expansão e difusão, compondo uma ampla e diversa “antropo cena” (TURIN, 2021, no prelo).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

relacionadas à história humana, desde o momento em que se tornou necessário ter em conta as mudanças climáticas e que o Antropoceno começou a despontar no horizonte de nosso presente. O presente geológico do Antropoceno passou a estar vinculado ao presente da história humana (CHAKRABARTY, 2013,p.15).

Para Marek Tamm e Zoltán Simon (2019) pensar em uma outra condição humana causada pelos problemas climáticos e questões tecnológicas ressignificaria o próprio conceito moderno de história²². Para Marek e Zoltán pensar uma história mais que humana seria ultrapassar a máxima proclamada por Marc Bloch de que a História é a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 1949, p.54), para considerar a pós-humanidade como um outro temporal que compreenda as mudanças históricas e as configurações de passado-presente e futuro a partir de uma vastidão de seres, humanos e não-humanos que habitam o planeta terra .

A crise ontológica no tempo presente revelou mais claramente o caráter não-antropocêntrico da história desafiando a ilusão profundamente enraizada de que os humanos são os únicos atores da história. Esse rearranjo epistêmico declarado por Marek e Zoltán, como uma nova agenda para a filosofia da história, englobam as noções de Antropoceno e abordagens transdisciplinares sobre o pós-humanismo, humanidades ambientais, multiespécies, transhumanismo, biotecnologia e inteligência artificial evidenciando como essas mudanças não tem apenas impactado o mundo, mas a história.

Na esteira dessas discussões, o historiador Rodrigo Turin (2021) propõe que antes de pensar em conceitos generalizantes, como um novo conceito de história ou sob uma certa fascinação pelo inaudito e do novo e sem precedentes, que acabam que por muitas vezes invisibilizar outras experiências históricas, seria importante pensar as questões que envolvem o tempo do Antropoceno habitando o problema. Mais o que isso quer dizer? Nas palavras de Rodrigo (2021) permanecer no problema significa a suspensão ou o estranhamento de hábitos implícitos na aceleração da teoria generalizante, sendo a ideia de pensar o problema, um desvio de pensamento a partir do qual a teoria da história e a

²² Neste sentido, Rodrigo Turin (2021) teceu críticas importantes sobre os pontos cegos de um novo conceito de história proposto por Mark e Zoltán (2020), sobretudo, quando pensado a partir de outros contextos geopolíticos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história do tempo presente podem produzir reflexões sobre o Antropoceno (TURIN, 2021, prelo).

A partir do termo de habitabilidade formulado por Chakrabarty, Rodrigo Turin (2021), demonstra como o autor diagnosticou a necessidade de operar em dois planos de temporalidade: o tempo global e o tempo planetário. O tempo global, que compreende o plano de trabalho dos historiadores com as categorias de nação, estado, grupos sociais e intenções. E o tempo planetário, regime antropocênico, que se encontra no plano de trabalho da ciência dos Sistemas da Terra. Multidisciplinar, essa nova ciência busca entender como a Terra se comporta como um sistema autorregulador formado por componentes físicos, químicos, biológicos e humanos. Nesse sentido, os humanos não são enquadrados em categorias como classes ou nações, mas entendidos como espécie, que atuam nesses dois planos de temporalidades e assim como outras espécies e forças que agem sob o Sistema da Terra podem desaparecer.

A condição de habitabilidade, como proposta por Rodrigo Turin, se desenha pelo cruzamento de dois planos de temporalidades e que compreendem a experiência do Antropoceno, que não mais reduzidas as tradicionais categorias históricas, ainda que necessárias, considera um conjunto de fatores geológicos, químicos e biológicos que compreendem a complexidade da experiência humana e não-humana no planeta terra.

Assim, a condição de habitabilidade deve ser reconhecida e enfrentada pela história como uma forma de (re)desenhar os horizontes das histórias possíveis para a disciplina. Isso implica que a disciplina história:

[...] não possa se desresponsabilizar pelas suas formas de agenciamento, por suas narrativas, pelo *ethos* que configura sua prática, devendo colocar-se em situação, reconhecendo seus *habitats* próprios e aqueles humanos e não-humanos que são por ela implicados. Não se trata, portanto, nem de recusar em bloco a sua tradição, nem de defendê-la a qualquer custo. Trata-se, antes, de um outro modo de engajar-se com o mundo, de habitá-lo, ao mesmo tempo com e contra as suas heranças (TURIN, 2021, prelo).

Habitar a disciplina história, em uma condição mais que humana ou pós-humana também significa compreender as suas condições de possibilidade nas tensões e embates com os novos rearranjos epistêmicos entre a história e o digital. Dessa forma, se os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

arquivos configuram lugares onde se encontram as tensões da escrita da história e as implicações sociais, políticas e econômicas das tecnologias de registro que o produzem. No século 21 são nos arquivos da *web* que encontramos as tensões de uma escrita da história feita no digital ao mesmo tempo que também representam as transformações de uma sociedade cada vez mais matematizada e operada por algoritmos (SILVEIRA, 2019).

Todas essas problemáticas, portanto, que envolvem os arquivos e o ofício dos historiadores no tempo presente representam um dos desafios de se fazer uma história do/no digital utilizando os aparatos e ferramentas tecnológicas na análise e interpretação das fontes. Segundo o historiador Ethan Kleinberg (2020) um dos aparatos historiográficos chave para compreender as transformações que estão afetando a disciplina são as modificações que estão se processando nos arquivos.

As fontes históricas, como principal acesso dos historiadores ao passado foram destituídas de sua materialidade e reconfiguradas através dos novos suportes de armazenamento dos arquivos digitais. Os arquivos da *web*, como vimos, se configuram por uma outra lógica onde os robôs automatizados capturam e armazenam as páginas da *web* em um banco de dados digital. Essas novas configurações do arquivo vão permitir a recuperação/reconstrução das páginas da *web* que por algum motivo não estão mais disponíveis online.

Nessa direção, Thiago Nicodemo e Oldimar Cardoso (2019) refletiram sobre como um experimento realizado por eles e que utilizou algoritmos para programar um robô-historiador os levou a lidar com as hipóteses de uma escrita não humana da história onde um robô historiador poderia criar narrativas históricas, produzir problemas e analisar dados quantitativos e qualitativos. O robô historiador, de Thiago Nicodemo e Oldimar Cardoso (2019) está inserido no paradigma do pós-humanismo na busca de um horizonte possível para se pensar o ofício dos historiadores no futuro.

As ferramentas de pesquisa em humanidades digitais operam com a mesma lógica de transpor os dados de uma fonte impressa em formatos digitais associadas a uma retórica de objetividade. Neste sentido, os autores acreditam na ideia de uma meta-história das ferramentas de pesquisa digital para auxiliar os historiadores na compreensão da lógica dessas ferramentas. O meta-histórico horizonte do século 21 deve considerar as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tensões entre a narrativa e os bancos de dados como questão fundamental para a disciplina história. Assim, a narrativa histórica e os bancos de dados digitais são formas concorrentes de dar sentido ao mundo, cada qual reivindicando para si o direito de dar sentido ao mundo (NICODEMO; CARDOSO, 2019).

Segundo Thiago Nicodemo e Cardoso (2019) o experimento do robô historiador pode evidenciar que o que alimenta o robô nada mais é do que um hiperarquivo, uma documentação digital ou um corpus bibliográfico. Assim, o princípio básico de um robô historiador é a coleta de dados. Dessa maneira, o robô historiador tem os mesmos princípios de um arquivo da *web* ao coletar e armazenar grandes quantidades de dados, ao mesmo tempo que também sofre as pressões sociais em dois sentidos: primeiro de ser um armazenador de dados e segundo de ser um poder de consignação, que é configurado por um conjunto de regras e protocolos sociais que se fundem em um sistema de signos e significados.

A ideia do robô historiador representa um deslocamento da tecnologia originalmente concebida para rastrear perfis de consumidores para o da produção de conhecimento histórico. Nesse sentido, deve-se considerar os princípios éticos e as reais consequências das tecnologias de rastreamento, que utilizadas para outros fins, como para rastrear perfis de consumidores e manipular informações tornam-se verdadeiras caixas-pretas²³ afetando profundamente nossas vidas uma vez que amplifica o senso de vigilância e falta de privacidade nas sociedades contemporâneas (NICODEMO; CARDOSO, 2019).

Segundo Sérgio Amadeu da Silveira (2019) tem surgido a crença em nossas sociedades que os dados possuem qualidades objetivas e são capazes de falar a verdade. Essa naturalização dos dados coletados pelo *Big Data* tem ressignificado os ideais do positivismo e os de objetividade científica. O discurso da neutralidade dos dados rastreados e armazenados em banco de dados digitais guardam os registros de nossas

²³A metáfora da caixa-preta está relacionada a empresas que criam softwares e algoritmos fechados, e alegam que eles não podem ser abertos nem transparentes, uma vez que as empresas precisam proteger seus segredos de negócios e propriedade intelectual. Assim, em nossa sociedade da caixa-preta governada pelos algoritmos elevam cada vez mais as técnicas de expansão do “segredo”, sigilo jurídico e ofuscação, que representam as formas que empresas encontram para inviabilizar a compreensão dos processos (SILVEIRA, 2019, p.30).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

reputações que definidas por ranqueamentos, pontuações e previsões originadas de cruzamento de dados de diferentes fontes de informações e que trabalhados por algoritmos opacos são apresentadas como expressões ou representações indiscutíveis da realidade, o que pode gerar um sistema que perpetua continuamente as desigualdades de raça, gênero e classe já existentes no mundo.

Conforme demonstrado por Byung-Chul Han (2018), o *homo digitalis* é governado por algoritmos que dirigem nossa atenção e capturam nossos dados e subjetividades pelos poderes psicopolíticos do neoliberalismo. Nessas condições, Thiago Nicodemo e Odilon Cardoso (2019) mostram que as discussões sobre tecnologia devem se orientar por um horizonte ético e humanista, de modo que um robô-historiador não se torne uma caixa-preta, mas que se operacionalize pelos princípios da ética e transparência que envolvem uma pesquisa em humanidades com uso de tecnologia.

Dessa forma pensar nas possibilidades de um robô historiador é refletir sobre os princípios éticos que lutem contra toda uma lógica de caixa-preta, que implícitas na lógica neoliberal e do capitalismo de plataforma podem induzir preconceitos de máquina ou reforçam uma educação corporativista que tende a querer substituir a autoridade humana, como a dos professores ou historiadores por uma autoridade matemática de um robô (NICODEMO, CARDOSO, 2019, p.34).

Os limites e possibilidades de um robô historiador na agência não-humana de produção do conhecimento histórico, como demonstrado pelos historiadores Thiago Nicodemo e Odilon Cardoso nos guiaram para um horizonte possível de experimentações e debates que pensem as implicações de uma história feita e aprendida na era digital. De qualquer forma, as reflexões de Ethan Kleinberg (2020) sobre o ressurgimento do neopositivismo perseguidos pelos sonhos de empiristas em relacionar a história a uma ciência dura revelam as origens cliométricas da história digital, e que de certo modo se orientam a pensar a pretensa objetividade e neutralidade dos dados adquiridos ou processados pelo *Big Data*.

Assim, a história digital emergiu a partir das possibilidades de uma variedade de aparatos e ferramentas de adquirir e processar dados, sem uma sustentação teórica-crítica ou imaginativa que a levaram para uma zona de neoempiricismo. Para o historiador Ethan Kleinberg não estamos inovando a disciplina histórica com dados e códigos porque não

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estamos fazendo um trabalho epistemológico de inquirir como as tecnologias tem transformado a nossa disciplina.

Segundo Ethan Kleinberg (2020) o perigo é de descobrir novos caminhos e enquadrá-los em outras caixas, que pouco tem a contribuir para os rumos da disciplina. Portanto, as ferramentas e as possibilidades mudaram para que nós historiadores nos confrontássemos com essas inovações rumo ao caminho de possibilidades para transformar a forma como escrevemos, ensinamos e divulgamos a história. Dessa forma, devemos estar focados não somente na tecnologia, mas no que a tecnologia pode fazer com nossa disciplina. Assim “essas mudanças em pesquisa, escrita e ensino necessitam ser abordadas teoricamente porque não são as ferramentas e tecnologias empregadas para a história que separam o digital do analógico, mas a novidade das ideias e concepções (KLEINBERG, 2020, p.40).

Assim, avançar na crítica do digital não é desconsiderar os novos horizontes que surgiram e poderão surgir com a história digital, mas sim de questionar as formas que metodologias aparentemente universais são condicionadas historicamente permitindo desafiar os paradigmas apresentados como naturais e assim imutáveis. De modo que possam ser apresentados como historicamente condicionados, contingentes e sujeitos a crítica, o que inclui a própria história como disciplina (KLEINBERG, 2020, p.36).

Pensar os limites e possibilidades para os estudos históricos em um mundo mais que humano é enveredar-se por esses novos horizontes teóricos que nos conduzem a experiências pós-humanas onde múltiplas temporalidades se cruzam e se reconfiguram em novos rearranjos epistêmicos onde novas práticas e contextos surgem das transformações em curso. E que nos permitem desafiar as categorias tradicionais da realidade na formatação de um mundo povoado de plantas, animais, ecossistemas, teorias, objetos técnicos, inteligências artificiais, robôs e seres humanos. Portanto, na esteira do pensamento de Rodrigo Turin (2020) habitar o problema na disciplina história seria um importante caminho para enfrentar suas tradições e seus efeitos reconfigurando certos hábitos disciplinares.

Algumas considerações

As minhas figurações enquanto uma historiadora ciborgue no digital demonstraram os novos rearranjos epistêmicos, que configurados pelas novas condições

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das tecnologias digitais possibilitaram uma fusão entre a prática historiográfica e o arquivo da *web*. Dessa forma, esse encontro entre as práticas tradicionais da escrita da história e as novas práticas produzidas na cultura digital criaram as condições para se pensar como o agenciamento dos não-humanos pode ocorrer na escrita da história.

Como vimos, minhas incursões pelo ciberespaço me permitiram compreender que o *crawler*, robô rastreador do arquivo da *web*, não era somente um objeto técnico destituído de sentido, mas sim um mediador que ao executar o seu rastreamento agenciava ou “reprogramava” a minha pesquisa. Conforme, eu navegava pelos fragmentos de passados digitais das páginas da rede social, eu era orientada pelas descontínuas ligações hipertextuais e *links*, que recuperados pelo robô, me conectavam ao passado digital de uma rede social para historiadores brasileiros. Logo, os rumos da minha pesquisa se conectaram aos estudos do pós-humanismo e assim puderam ser explorados na escrita desse texto.

Nessa direção em busca de um horizonte que me fosse possível pensar os impactos das tecnologias na disciplina história e suas condições de possibilidade no tempo presente, o pós-humanismo emergia como um horizonte possível para se transgredir os modelos tradicionais de explicação histórica na busca de se pensar uma história mais que humana em toda a complexidade e agenciamentos de seres, objetos, teorias e experimentos que habitam o planeta terra.

O pós-humanismo, neste contexto, cria as condições para se pensar outras formas de pesquisa, escrita e ensino de história, que compromissados e engajados com as políticas de seu tempo transitem entre o passado disciplinar e o passado prático, oferecendo possíveis caminhos para compreender o tempo presente e desestabilizar as dimensões mercantilizadas e opacas que as mídias digitais impõem ao *homo digitalis*. Dessa forma (re)pensar os cânones disciplinares talvez se oriente a se indisciplinar, ou mesmo se “desdisciplinarizar”, isto é, alterar significativamente suas identidades e normas disciplinares (AVILA, 2018).

Segundo Artur Avila uma história aberta pode contribuir para imaginações que coloquem em evidencia a condição da história como produtora de temporalidades, que definem aquilo que é o passado ou o presente. Assim, compreender a performatividade do discurso historiográfico nos auxilia na compreensão do tempo em que vivemos como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

parte fundamental das lutas políticas que nos ajudam a definir a tessitura do próprio presente (AVILA, 2018, p. 259).

Com isso, nos guiar por essas possibilidades certamente não seria nenhuma profanação ou pecado com a disciplina história, mas pelo contrário seria um momento oportuno para desafiar as formas tradicionais de conhecimento em busca de construir novas linguagens, novos tropos, novas figuras de discurso em novas viradas de possibilidades para a história (HARAWAY, 1993).

Portanto, é mais que urgente que as discussões avancem no sentido de pensar na necessidade de uma historiografia que oferecesse uma visão mais geral para o futuro da humanidade, não somente sobre o passado e presente, mas de pensar em humanidades propositivas que atuem junto ao mundo para além das fronteiras disciplinares (DOMANSKA, 2010 APUD BIANCHI; SILVEIRA, 2016).

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Valdei. O Direito à História: O(A) Historiador(a) como Curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída. In: GUIMARÃES, Gécica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, pp. 191-216.

_____. O regime de autonomia avaliativo no Sistema Nacional de Pós-Graduação e o futuro das relações entre historiografia, ensino e experiência da história. Revista de Pós-graduação. Revista Anos 90. Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 85-110, dez. 2016.

AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (Org.). A História (in)disciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. Vitória: Milfontes, 2019.

AVILA, Arthur Lima de. O fim da história e o fardo da temporalidade. Tempo e Argumento, v. 10, p. 243-266, 2018.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas. Editora Unicamp, 2011.

AYERS, Edward. The pasts and Futures of Digital History. University of Virginia, 1999. Disponível:< <http://www.vcdh.virginia.edu/PastsFutures.html> > Acesso em: 10/01/2021.

BIANCHI, Guilherme; SILVEIRA, Pedro Telles. A necessidade de uma vanguarda historiográfica: entrevista com Ewa Domanska, 2016. Disponível em:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<https://hmagazine.com.br/a-necessidade-de-uma-vanguarda-historiografica-uma-entrevista-com-ewa-domanska/> . Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

BOYLE, Anya. Archiving the internet: What does it mean in practice? Master Thesis presented to the Department of History of Faculty of Humanities da Leiden, 2016.

BUZATO, Marcelo El Khouri. O PÓS-HUMANO É AGORA: UMA APRESENTAÇÃO. Trab. linguist. apl., Campinas , v. 58, n. 2, p. 478-495, 2019

BREWSTER, Kahle; VADILLO, Ana Parejo. The *Internet Archive*: An Interview with Brewster Kahle., 2015. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/307803400_The_Internet_Archive_An_Interview_with_Brewster_Kahle . Acesso em 10/9/2018.

BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralp. The Web as History: Using Web Archives to understand the Past and Present. UCL PRESS, University College London, 2017.

BRÜGGER, Niels. Web History and the Web as a Historical Source, in: Zeithistorische Forschungen/Studies in Contemporary History, Online-Ausgab, 2012.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCCHESI, Anita. História Digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

CHAKRABARTY, Dipesh. “O clima da História: quatro teses”. Sopro, vol.91, 2013

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. Disponível em: < <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory> > Acesso em 23/2/ 2021.

DERRIDA, Jacques. Mal de Arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOMANSKA, Ewa. PARA ALÉM DO ANTROPOCENTRISMO NOS ESTUDOS HISTÓRICOS. Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia V. 4, N.1, janeiro-julho de 2013.

_____. “Hayden White’s Anthropocentric Posthumanism.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 6 (2018): 89-95.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FERRANDO, Francesca. Posthumanism, Transhumanism, Antihumanism, Metahumanism, and New Materialisms Differences and Relations. *Journal Existenz*, v.8, n.2, 2013.

FERRÃO, João. O ANTROPOCENO COMO NARRATIVA: UMA LENTE ÚTIL PARA ENTENDER O PRESENTE E IMAGINAR O FUTURO? *BIBLOS Revista da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de Coimbra*, vol.3n n.3, 2017.

FICKERS, Andreas. “Towards a New Digital Historicism? Doing History in The Age Of Abundance”, *Journal of European Television History & Culture* 1, no. 1, 2012.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do séc. XX. In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. O humano numa paisagem pós-humanista. *Revista Estudos Feministas*, v.1, n.2, 1993.

KLEINBERG, Ethan. *Historicidade espectral: teoria da história em tempos digitais*. Tradução e Apresentação André da Silva Ramos. Coleção Fronteiras da Teoria , vol.5. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 1994.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital”. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, 2017, p. 135-154.

MALLAMAC, Marco Germán. El poder psicopolítico en las sociedades postdisciplinarias del homo digitalis. Apuntes sobre el pensamiento de Byung-Chul Han. *Revista Latina de Sociología (RELASO)* Vol. 7(1) (2017) pp. 74-94.

MILLIGAN, Ian. Lost in the Infinite Archive: The Promise and Pitfalls of Web Archives. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, v.10, 2016.

NIELSEN, Janne. *Using web archives in research – an introduction*. NetLab, Aarhus, 2016.

NICODEMO, THIAGO; CARDOSO, Oldimar. Meta-história para robôs (bots): o conhecimento histórico na era da inteligência artificial. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 12, n. 29, 28 abr. 2019.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RODRIGUES, Bruna Carolina Marino. *NAVEGANDO PELO PASSADO: REDES SOCIAIS E OS PROBLEMAS DA HISTORIOGRAFIA NA ERA DIGITAL*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de História Social do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre em História Social, Londrina, 2019.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

SILVEIRA, Pedro Telles da Silveira. *O historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e história pública*. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0204, maio/ago. 2020.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes. *Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI/ Mateus Pereira, Valdei Araujo*. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MARQUES, Mayara; ARAUJO, Valdei Lopes. *Almanaque da Covid-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real*. Vitória Editora Milfontes, 2020.

TADEU, TOMAZ. *Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano*. In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TAMM, Marek; SIMON, Zoltán Boldizsár. *More-than-Hu man History: Philosophy of History at the Time of the Anthropocene*. In: KUUKKANEN, Jouni-Matti (Ed.). *Philosophy of History: Twenty-First- Century Perspectives*. London: Bloomsbury, 2020.

TURIN, Rodrigo. *Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades*. *Tempo*, Niterói, v. 24, p. 168-205, 2018.

_____. *A “catástrofe cósmica” do presente: alguns desafios do Antropoceno para a consciência histórica contemporânea*, 2021, prelo.

WELLER, Toni. *History in the Digital Age*. Nova York: Routledge, 2013.